

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Cultura, resistência e diferenciação social [recurso eletrônico] /
Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta
Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-203-6

DOI 10.22533/at.ed.036192803

1. Antropologia. 2. Identidade cultural. 3. Resistência cultural.
I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 306

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espaço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de

novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

No artigo *A comunidade dos Arturos: existir, resistir, sobrevir*, as autoras, Elenice Martins Barros Castro e Edilene Dias Matos buscam difundir-las, através de festas, ritos e outras manifestações. Nos momentos festivos, sua história é contada por cantos, danças, ritmos dos tambores e dos rituais, que transmitem um legado secular. No artigo **A IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE LANÇAMENTO EM ALCÂNTARA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS OCASIONADA A COMUNIDADE DE MARUDÁ**, a autora Francisca Thamires Lima de Sousa, busca identificar e analisar as principais implicações socioculturais ocasionadas aos quilombolas que residem na agrovila de Marudá desde a implantação do Centro de Lançamento e as principais transformações espaciais. No artigo **ANTI-COLONIZAR OS AFETOS DA BRANQUITUDE NO FEMINISMO BRASILEIRO**, a autora ÉLIDA LIMA pretende instigar brevemente a crítica de algumas formas pelas quais efeitos teóricos e afetos cotidianos da branquitude têm suscitado enfrentamentos e transformações no movimento de mulheres brasileiras nos últimos anos, em especial na experiência feminista interseccional. No artigo **AS IMPRESSÕES DOS ÍNDIOS XOKÓ E A POSIÇÃO DOS JURISTAS SOBRE A PEC 215 E A TESE DO MARCO TEMPORAL**, os autores Liliane da Silva Santos e Diogo Francisco Cruz Monteiro examinam documentos sobre os direitos garantidos aos índios na Constituição de 1988 e averiguar as posições dos juristas sobre a PEC 215 e a tese do marco temporal. Realizamos revisão de literatura, análises de legislações indigenistas, das decisões tomadas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) sobre as demarcações de terras indígenas. No artigo **BELÉM COMO METRÓPOLE CULTURAL E CRIATIVA DA AMAZÔNIA**: contribuições para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Belém, o autor Valcir Bispo Santos busca apresentar alguns elementos que possam contribuir para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Belém, maior cidade da Amazônia Oriental brasileira. A ideia básica é que a elaboração deste plano pode se sustentar em três (3) diretrizes fundamentais: Participação Social, Criatividade e Diversidade Cultural. No artigo **CORPO PRIVADO CORPO POLITICOS**, os autores Aurionelia Reis Baldez Joice de Oliveira Faria identificar como vem sendo pensada a salvaguarda das culturas populares através do corpo que dança, apontando limiares entre espetacularização nas rodas da cultura e a realidade vivida nas estruturas de poder capitalista. Guiaremos nossa cartografia poética tendo o samba de roda como principal fonte de observação para pensar corpos privados e corpos políticos. A partir das reflexões feitas por Stuart Hall (2013). No artigo **CULTURA E SUAS PERFORMANCES NA ANTROPOLOGIA, SEMIÓTICA DA CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS**, os autores, Juliano Batista dos Santos, Jordan Antonio de Souza, José Serafim Bertoloto buscam realizar uma análise teórico-reflexiva sobre a forma como a Antropologia, a Semiótica da Cultura e os Estudos Culturais abordam, estudam e interpretam a cultura. O propósito, todavia, não está reduzido ao entendimento da identidade de cada uma dessas ciências. **DO ATO FÓBICO AO ATO MÁGICO PÓS-POLÍTICO: O NOVO MERCADO DISCURSIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA** os

autores João Luiz Pereira Domingues, Leandro de Paula Santos, Mariana de Oliveira Silva buscam diagnosticar variações narrativas que forjam novos parâmetros de legitimidade para o tratamento da cultura em nível federal em um processo que se organiza sob dois atos discursivos, nomeados ato fóbico e ato mágico pós-político. No artigo **DO EXCESSO DE IMAGENS AO ESVAZIAMENTO DA MENTE**, a autora Sophia Mídián Bagues dos Santos busca aproximar a teoria semiótica de Peirce da filosofia budista tibetana, partindo da compreensão da contemporaneidade como um fabuloso sistema de signos que nos aprisiona ao Samsara, conceito oriental que pode ser entendido, em última instância, como a civilização da imagem. No artigo **MODERNIDADE, DESENVOLVIMENTO E CULTURA VIVA COMO NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA POPULAR**, o autor Miguel Bonumá Brunet analisa três concepções sobre o conceito de cultura popular, visando a compreendê-las sob a perspectiva da sociologia compreensiva, buscando delinear tipos-ideais balizados nos sentidos intentados pelos atores sociais que praticam ações de produção, difusão e fruição cultural. No artigo **O CÔMICO, O JOCOSO E O DÚBIO NAS CANTORIAS DO PALHAÇO** a autora ALDA FÁTIMA DE SOUZA trata da associação dos diversos e atuais estudos sobre a emissão vocal, que nos permite direcionar nossa voz para a fala ou o canto, com a pesquisa de doutorado em andamento “Reprises Circenses: as bases fundantes e históricas evidentes nos circos brasileiros”. No artigo **O PENSAMENTO NÔMADE DO CINEMA MARGINAL BRASILEIRO**, os autores Amanda Souza Ávila Lobo Auterives Maciel Jr. Milene de Cássia Silveira Gusmão buscam pontuar como o cinema marginal traz um pensamento nômade de máquina de guerra, na medida em que se utiliza de signos que fogem ou que fazem fugir o império dos modelos maiores, entrando em relação com outros domínios moleculares de sensibilidade que transgridem ou propõem transvalorar os valores. No artigo **TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM AULAS DE HISTÓRIA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**, os autores Liana Barcelos Porto e Adival José Reinert Junior buscam compreender como o patrimônio cultural e religioso vem sendo trabalhado nas escolas da sede da rede municipal da Cidade de Canguçu RS (Canguçu tem 33 escolas municipais, 6 localizadas na cidade e 27 no interior do município). **TRILHA DA VIDA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E CULTURAL**, os autores Allan Hoffmann, Nadja de Carvalho Lamas, Euler Renato Westphal buscam discutir sobre o campo do Patrimônio, principalmente nas categorias de patrimônio cultural, aplicados em um experimento educacional e instalação de Arte&Ciência Trilha da Vida presente na paisagem cultural do bairro da Limeira em Camboriú/SC. No artigo **ÉTICA DO ENCONTRO A PARTIR DA PESQUISA AUDIOVISUAL: REFLEXÕES SOBRE O CURTA “FILOSOFIAS DO CORPO NO CARIRI”**, a autora Natacha Muriel López Gallucci, busca discutir e teorizar aspectos éticos da investigação audiovisual na fronteira entre o filme documentário e o denominado “ensaio fílmico” tomando como objeto de reflexão o processo de pesquisa empírica, registro imagético, edição e exibição do curta-metragem Filosofias do corpo no Cariri cearense (2018). No artigo **Cultura, Resistencia e Diferenciação Social**, os autores, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Heitor Messias Reimão de Melo, Paulo Rennes Marçal Ribeiro,

buscam analisar na obra Freud, em O mal-estar da civilização, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A COMUNIDADE DOS ARTUROS: EXISTIR, RESISTIR, SOBREVIVIR	
<i>Elenice Martins Barros Castro</i>	
<i>Edilene Dias Matos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928031	
CAPÍTULO 2	12
A IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE LANÇAMENTO EM ALCÂNTARA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS OCASIONADA A COMUNIDADE DE MARUDÁ	
<i>Francisca Thamires Lima de Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928032	
CAPÍTULO 3	26
ANTI-COLONIZAR OS AFETOS DA BRANQUITUDE NO FEMINISMO BRASILEIRO	
<i>Élida Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928033	
CAPÍTULO 4	34
AS IMPRESSÕES DOS ÍNDIOS XOKÓ E A POSIÇÃO DOS JURISTAS SOBRE A PEC 215 E A TESE DO MARCO TEMPORAL	
<i>Liliane da Silva Santos</i>	
<i>Diogo Francisco Cruz Monteiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928034	
CAPÍTULO 5	48
BELÉM COMO METRÓPOLE CULTURAL E CRIATIVA DA AMAZÔNIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DO PLANO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELÉM	
<i>Valcir Bispo Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928035	
CAPÍTULO 6	66
CORPO PRIVADO CORPO POLITICOS	
<i>Aurionelia Reis Baldez</i>	
<i>Joice de Oliveira Faria</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928036	
CAPÍTULO 7	75
CULTURA E SUAS PERFORMANCES NA ANTROPOLOGIA, SEMIÓTICA DA CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS	
<i>Juliano Batista dos Santos</i>	
<i>Jordan Antonio de Souza</i>	
<i>José Serafim Bertoloto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928037	

CAPÍTULO 8	91
DO ATO FÓBICO AO ATO MÁGICO PÓS-POLÍTICO: O NOVO MERCADO DISCURSIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA	
<i>João Luiz Pereira Domingues</i>	
<i>Leandro de Paula Santos</i>	
<i>Mariana de Oliveira Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928038	
CAPÍTULO 9	106
DO EXCESSO DE IMAGENS AO Esvaziamento da Mente	
<i>Sophia Mídan Bagues dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928039	
CAPÍTULO 10	115
MODERNIDADE, DESENVOLVIMENTO E CULTURA VIVA COMO NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA POPULAR	
<i>Miguel Bonumá Brunet</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280310	
CAPÍTULO 11	130
O CÔMICO, O JOCOSO E O DÚBIO NAS CANTORIAS DO PALHAÇO	
<i>Alda Fátima de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280311	
CAPÍTULO 12	138
O PENSAMENTO NÔMADE DO CINEMA MARGINAL BRASILEIRO	
<i>Amanda Souza Ávila Lobo</i>	
<i>Auterives Maciel Jr</i>	
<i>Milene de Cássia Silveira Gusmão</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280312	
CAPÍTULO 13	148
TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM AULAS DE HISTÓRIA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	
<i>Liana Barcelos Porto</i>	
<i>Adival José Reinert Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280313	
CAPÍTULO 14	155
TRILHA DA VIDA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E CULTURAL	
<i>Allan Hoffmann</i>	
<i>Nadja de Carvalho Lamas</i>	
<i>Euler Renato Westphal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280314	
CAPÍTULO 15	166
ÉTICA DO ENCONTRO A PARTIR DA PESQUISA AUDIOVISUAL: REFLEXÕES SOBRE O CURTA “FILOSOFIAS DO CORPO NO CARIRI”	
<i>Natacha Muriel López Gallucci</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280315	

CAPÍTULO 16 183

UMA PROPOSTA DE LEITURA DISCURSIVA: RESISTÊNCIA E DIFERENCIAÇÃO SOCIAL

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Heitor Messias Reimão de Melo

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.03619280316

SOBRE A ORGANIZADORA..... 194

A COMUNIDADE DOS ARTUROS: EXISTIR, RESISTIR, SOBREVIR

Elenice Martins Barros Castro

Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades e Artes – IHAC, Salvador – B

Edilene Dias Matos

Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades e Artes – IHAC, Salvador - BA

RESUMO: A comunidade dos Arturos, localizada em Contagem, estado de Minas Gerais, detém várias tradições populares, transmitidas entre suas gerações desde a formação do grupo. Procurando manter vivas essas tradições e a memória coletiva da família artura, seus membros - descendentes de negros escravizados - buscam difundi-las, através de festas, ritos e outras manifestações. Nos momentos festivos, sua história é contada por cantos, danças, ritmos dos tambores e dos rituais, que transmitem um legado secular.

Com a expansão do centro urbano, a comunidade ficou mais próxima da cidade, fator que pode gerar alguns conflitos, já que esse conjunto de valores culturais nem sempre são aceitos, ou compreendidos pela sociedade. Todavia, os Arturos procuram estabelecer um diálogo, para que suas práticas culturais possam ser representadas e valorizadas no contexto social urbano. Para tal, os integrantes dessa comunidade mantêm uma relação com a população de Contagem, de maneira a firmar

a legitimidade e o prestígio de um grupo, de identidade significativa, que deseja superar as adversidades da vida cotidiana. Este texto propõe, pois, uma discussão sobre a questão da construção da identidade cultural e da resistência na comunidade dos Arturos, a partir de sua formação, tradições e ritos, os quais são negociados com a sociedade, da qual fazem parte.

PALAVRAS-CHAVE: cultura, tradição, formação, resistência, identidade

ABSTRACT: The community of the Arturos, which is located in Contagem, state of Minas Gerais, has several popular traditions, that are transmitted between the generations since the group's formation. Trying to keep alive these traditions and the collective memory of the Arturos family, the members - descendants of black slaves - seek to spread them through the celebration, the rites and other manifestations. In their festive moments, their history is told by singing, by dancing, by the rhythms of the drums, and by rites. All of these manifestations are transmitting a secular legacy.

The expansion of the urban center has made an approach among the community and the city. This factor maybe can generate some conflicts, since the community's set of cultural values are not always well accepted or understood by the society. However, the Arturos seek to establish

a dialogue, so their cultural practices could be represented and valued in the urban social context. In order to do so, the members of that community have a relationship with the population of Contagem, with the proposal to demonstrate their legitimacy and the prestigious of a group, which has a significant identity, and wishes to overcome the adversities of daily life. This text, therefore, proposes a discussion on the question of the cultural's construction identity and resistance in this community, based on their formation, traditions and rites, which are negotiated with the society, which where they are included.

KEYWORDS: culture, tradition, formation, resistance, identity



*Eita negro!
quem foi que disse
que a gente não é gente?
quem foi esse demente,
se tem olhos não vê...
Solano Trindade*

Figura 1 – Guardas de Congo e Moçambique – espaços da Comunidade

Fonte: Arcevo da autora (2017)

1 | INTRODUÇÃO

Determinados grupos, persistem e resistem, lutando por marcar sua identidade, como é o caso da comunidade dos Arturos, onde seus integrantes lutam para legitimar seu povo, buscando manter vivas as memória e tradição trazidas por seus ancestrais. Por meio de ritos e mitos, eles se empenham para enfrentar a divisão social, na tentativa de superar a intolerância e preservar sua memória. Na busca por alternativas de convivência com a vida cotidiana, essa gente cria e adota formas de sobrevivência, criativas e autônomas, traduzidas e adaptadas a partir da história e da tradição de suas raízes. Sempre lembrando seus ancestrais e, tomado por uma grande religiosidade, o membro Arturo carrega uma esperança, buscando, na fé e na comunhão com o sagrado, proteção e auxílio para as lutas da vida.

Dada a sua riqueza cultural, em maio de 2014 sua Festa - o Reinado de Nossa Senhora do Rosário - foi declarada como patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais, através de solicitação do Registro ao Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Cultural de Minas Gerais (IEPHA) e aprovado pelo Conselho Estadual do Patrimônio Cultural. De acordo com o IEPHA (2014, p5), “[...] o Registro dos Arturos foi o primeiro do estado de Minas Gerais e do Brasil a reconhecer uma Comunidade Tradicional

como patrimônio cultural”, fato que pode ampliar e reforçar o valor da cultura negra em Minas Gerais. No intuito de compreender o processo dessa recriação da cultura e do ser humano nela incorporado, proponho uma reflexão sobre essa comunidade, contemplando sua história, sua formação e o modo como eles se relacionam, entre si e com o meio externo ao seu espaço. Esta comunidade é um lugar de referência cultural, de resistência e de preservação de diversas tradições e manifestações da cultura afro-brasileira, que merecem ser percorridas e interpretadas.

2 | ARTHUR CAMILO – O (RE)EXISTIR NO CONTEXTO SOCIAL

A história de vida de Arthur Camilo, fundador da comunidade dos Arturos, é carregada de sofrimento, de humilhação e exploração da força do seu trabalho. Mesmo nascendo após a lei do ventre-livre, Arthur era tratado por “seu padrinho”, proprietário da fazenda onde morava, de forma impiedosa.

Assim como Arthur Camilo, outros negros no Brasil têm sua história de sofrimento, de dor e de lutas. Aqueles que sobreviveram durante a travessia para as Américas chegaram nessas terras com o propósito de servirem de mão-de-obra para seus senhores. Não tinham mais identidade, não tinham mais crença, não tinham mais uma história de vida; eram os “migrantes nús”, conforme denomina Glissant (2005, p. 17). Perderam ainda, nessa viagem, seu grupo lingüístico e cultural:

Porque o ventre do navio negreiro é o lugar e o momento em que as línguas africanas desaparecem, porque nunca se colocavam juntas no navio negreiro, nem nas plantações, pessoas que falavam a mesma língua. O ser se encontrava dessa maneira despojado de toda espécie de elementos de sua vida cotidiana, mas também, e, sobretudo, de sua língua (GLISSANT, 2005, p. 17).

Somente através dos “rastros/resíduos”, que ficaram em suas memórias, é que os negros africanos foram se readaptando ao novo mundo e reconstruindo sua identidade a partir do que restou. Por meio das lembranças desses “rastros/resíduos”, o negro recriou sua arte, sua cultura e suas tradições. Em suas estratégias eles concebiam o “imprevisível”; e novos hábitos, novas crenças iam, aos poucos, se inserindo em sua vivência.

Ao fundar a comunidade, Athur Camilo procurou transmitir os fundamentos religiosos e a colaboração familiar. Sua história de vida e sofrimento, assim como as tradições populares, são transmitidas de pai para filho, objetivando manter uma memória coletiva. Assim, ao constituir esse grupo social, Arthur Camilo consagrou a história de uma comunidade, deixando nela acentuadas marcas de uma tradição que, a partir da oralidade, segue movendo-se de forma dinâmica e sempre presente entre as gerações. Percebe-se, nas intervenções e diálogos estabelecidos com os membros dessa comunidade, que seu fundador procurou estabelecer uma vivência ampla entre seus descendentes, promovendo abertura social e criando uma identidade, edificada

através da interação com o outro; interação essa que, muitas vezes, perpassava pela “tolerância” ou pelo “acolhimento” (GLISSANT, 2005), vivenciados no enfrentamento da vida cotidiana e, ao que parece, estabelecida nos dias atuais.

3 | OS ARTUROS: FORMAÇÃO E CULTURA



Figura 2 – Desfile das Guardas na Comunidade

Fonte: Acervo da autora (2017)

A comunidade dos Arturos nasceu a partir da união de Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Silva, descendentes de negros escravizados que vieram da África e foram trabalhar em fazendas na região em que hoje se localizam os municípios de Contagem e Esmeraldas, estado de Minas Gerais. Arthur Camilo herdou de seu pai, Camilo Silvério da Silva, o terreno de 6,5 hectares de terra, localizado na zona suburbana de Contagem e lá formara, com Carmelinda, uma família de 11 filhos, os quais, na medida em que iam se casando e constituindo as suas próprias famílias, passavam a residir no mesmo terreno, em lotes distribuídos pelo patriarca a cada um deles. Atualmente a comunidade compõe um grupo de cerca de 500 pessoas que fazem parte dessa grande família. Dos filhos da primeira geração, apenas o Sr. Mário Braz da Luz está vivo. Ele é o capitão Mor da guarda do Congo e o atual patriarca da comunidade. Popularmente conhecida como “Os Arturos”, a comunidade se estruturou, tendo como princípios básicos: família, coletividade, devoção a Nossa Senhora do Rosário, preservação da cultura e tradição dos antepassados e o trabalho na terra (IEPHA, 2014, p.17). Durante muitos anos, a maior parte da alimentação dessa comunidade provinha do cultivo da horta, da plantação de milho, cana, feijão e café, e da dedicação à pecuária de subsistência, pois que criavam gado, galinhas e porcos. Entretanto, a partir das primeiras décadas do século XX, com a expansão, industrialização e urbanização da cidade de Contagem, um processo de mudanças se desencadeou nessa comunidade. Novos padrões de comportamento e novos hábitos foram incorporados

à vida de seus integrantes. A cultura de subsistência se reduziu consideravelmente e alguns dos descendentes foram obrigados a se mudar daquele terreno, em busca de trabalho e melhores condições de vida, a fim de atender às necessidades do mundo contemporâneo. Todavia, esses fatores pouco afetaram aos membros da comunidade, os quais buscam resistir a essas transformações contemporâneas e ajustam seus modos de vida sem o apagamento de sua espiritualidade.

Dentre as festividades e celebrações promovidas por essa comunidade, destacam-se a *folia de reis*, a *feira da abolição da escravatura*, o *batuque*, *João do Mato* (feira da capina) e o *Reinado de Nossa Senhora do Rosário*, uma das principais manifestações do Arturos, mais conhecida como Congado (ou Congada). O Reinado dos Arturos faz parte dos principais acontecimentos da cidade de Contagem, reconhecida e valorizada além do estado de Minas Gerais. A comunidade possui um grupo artístico, constituído em sua maioria por jovens, denominado *Arturos Filhos de Zambi* (deus dos negros da nação bantu) que trabalha a percussão, a dança afro e o teatro, agregando aos elementos artísticos a história dos negros. Outro ritual importante na vida dessas pessoas é o cultivo de variadas plantas com poder curativo e a Benzeção, que, no âmbito da cultura popular, trata-se de uma *reza* promotora e responsável pelo tratamento de todos os males. Tais saberes têm sido transmitidos desde a formação da comunidade. São crenças que não residem apenas no interior da comunidade; ela ultrapassa o referido espaço-tempo quando pessoas, originárias de diversos lugares, procuram o Sr. Mário, atual benzedor, para aliviar dores e tensões, especialmente das crianças.

Com mais de 100 anos de existência, a comunidade dos Arturos passou a ser mais (re)conhecida e valorizada a partir de meados do século XX, quando pesquisadores e estudiosos de história, sociologia e antropologia começaram a visitar aquele grupo, no intuito de investigar a respeito de sua cultura e de seu modo de vida, o que despertou um grande interesse nos mais variados tipos de pesquisas acadêmicas em torno desta cultura. Meu fascínio por esta comunidade surgiu quando, ao assistir uma missa na Igreja matriz da cidade de Contagem, presenciei a procissão de encenação do Reinado de Nossa Senhora, na festa da Congada - um espetáculo que misturava cores das roupas com danças, gestos, batidas de tambores e um canto de clamor extraordinário. Tal festa causou-me, além do encantamento, uma curiosidade em entender as razões porque aquele povo se expressava de forma tão eloqüente. Seus integrantes promovem suas representações sociais e detém uma produção cultural mística, de maneira que eles conseguem atrair um grande público para suas celebrações. Isso os torna um grupo forte, capaz de produzir uma arte, composta de valores humanos e que passam a ser socialmente pactuados a partir do momento em que eles ocupam os espaços da cidade com suas manifestações. Ao saírem da comunidade e transitarem as ruas da cidade, fazendo cortejos e demonstrando sua arte ritual, os Arturos dão início a uma negociação social com a população da cidade, promovendo troca de saberes com a sociedade e adquirindo, assim, a experiência de novas convivências no trânsito de

outros espaços da cidade de Contagem.

4 | A HIBRIDAÇÃO CULTURAL DOS ARTUROS: NOVAS IDENTIDADES



Figura 3 – Desfile das guardas nas ruas da cidade de Conta

Fonte: Acervo da autora (2017)

A partir do ano de 1941, com a implantação do parque industrial em Contagem, a população da cidade cresceu consideravelmente, provocando um aumento demográfico considerável. Com isso, a aglomeração da população se estendeu para fora do centro da cidade atingindo a área suburbana - hoje transformada em bairro onde se localiza a Comunidade - o que contribuiu para uma aproximação e interação social maior entre a população e os Arturos, os quais passaram pelo processo de “hibridação” (CANCLINI, 2008). De acordo com Canclini (2008, p. XIX), hibridação refere-se a “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. A hibridação da comunidade dos Arturos com a sociedade pôde auxiliá-los a resolver algumas divergências de ordem social e a solucionar as diversas “formas de conflitos geradas na interculturalidade” (CANCLINI, 2008, p. XVII). Alguns desses conflitos podem ter surgido com o crescimento urbano e o desenvolvimento econômico e social da cidade de Contagem, o que mudou a configuração da comunidade, transformando-a de população da zona rural para um corpo social integrante do mapa urbano. Esse fenômeno sugere ser “uma das causas que intensificaram a hibridação cultural” da comunidade com a sociedade (CANCLINI, 2008, p. 285), a qual passou a interagir, mais freqüentemente, com os costumes sociais na cidade. Para Canclini (2008, p. 285) quando esse fenômeno ocorre,

Passamos de sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas, em algumas regiões com fortes raízes indígenas, com pouca comunicação com o resto de cada nação, a uma trama majoritariamente urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação.

A troca de culturas aconteceu em ambos os sentidos: os Arturos passaram a adotar em sua comunidade hábitos advindos da cidade, enquanto que a sociedade passou a conviver com essas manifestações tradicionais sem preteri-las. Ocorre, dessa forma, uma articulação social da diferença entre ambos: membros Arturos e população da cidade.

Considerando o pensamento de Bhabha (1998), os membros da comunidade dos Arturos transitam entre dois mundos em uma “lógica binária através da qual identidades da diferença são freqüentemente construídas”: de um lado o corpo arturo que representa uma tradição ancestral através de manifestações populares, de outro lado a presença física do cidadão arturo na vida urbana. O ritual do Reinado dos Arturos promove esse “momento intervalar” entre o sagrado e o profano. Esse movimento do “ir” e do “vir” proporciona “[...] a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta” (BHABHA, 1998, p. 22). Nessa conjuntura, o estar entre o lado de cá e o lado de lá e o viver “nas fronteiras do presente” confere ao cidadão arturo o “intercâmbio de valores”, possibilitando-lhe força e autoridade diante dos “hibridismos culturais” (BHABHA, 1998). Além disso, ao ser reinscrito na sociedade, esse cidadão passou a viver no “entre-lugares”, o que lhe proporcionou a “[...] elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade” (BHABHA, 1998, p. 20).

Assim, passado e presente se articulam e os Arturos se inserem no plano temporal e espacial; de um lado, buscando a rememoração através dos ritos e, de outro lado, convivendo com a modernização/urbanização e ocupação do espaço, se reinscrevendo “[...] através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão *na minoria*”. (BHABHA, 1998, p. 21). Essa dualidade permite e oferece suporte para que os Arturos lutem para assegurar a memória de seus ancestrais e, portanto, dêem continuidade as suas histórias, contatadas e recontadas oralmente entre as gerações, conjugando as lembranças do passado com o sentimento de que o presente/futuro faz parte de sua realidade. O presente/futuro da comunidade é fruto da vida cotidiana e não há como apagá-lo; ele pode ser negociado. Já o passado só se estabelece e ressurgue nos atos de manifestação da cultura artura e no uso da palavra, ações que requerem empenho e perseverança.

5 | O REINADO DOS ARTUROS – RESISTÊNCIA RELIGIOSA



Figura 4 – Contemplação religiosa dos Arturos nos espaços sagrados da comunidade

Fonte: Acervo da autora (2018)

Na comunidade dos Arturos os rituais e mitos religiosos se inserem no elo que liga seus integrantes à virgem do Rosário e à história de vida de seus antepassados. Para os Arturos, festejar e homenagear Nossa Senhora do Rosário é um ato de amor à grande mãe e um momento em que as lembranças ancestrais se tornam vivas. O ritual do Reinado dos Arturos procura reviver e manter viva a memória da comunidade o que, presume-se, reafirma sua identidade, fortificando o grupo diante da sociedade.

Durante a manifestação do Reinado, os integrantes da comunidade dos Arturos se estabelecem e se articulam socialmente quando representam seus ritos diante do público. A comunhão e a negociação com o outro, com o lado de fora dos muros arturos, se fazem presentes e se revigoram neste momento, conferindo-lhes autoridade. No momento do cortejo, os dançantes se manifestam através da arte, uma maneira para transcender a intolerância e demarcar a presença e a autoridade de um povo, por intermédio da palavra, ditada pelo canto, e da representação corporal e instrumental (os tambores). Bourdieu (1998, p.111), quando discorre acerca do “poder mágico das palavras” afirma que:

O ato de magia social de tentar dar existência à coisa nomeada será bem-sucedido quando aquele que o efetua for capaz de fazer reconhecer por sua palavra o poder que tal palavra garante por uma usurpação provisória ou definitiva [...]. A eficácia do discurso performativo que pretende fazer acontecer o que enuncia no próprio ato de enunciá-lo é proporcional à autoridade daquele que o enuncia. (BOURDIEU, 1998, p. 111).

Neste sentido, dançar a congada (ou Reinado) fazendo uso da linguagem, através do canto, dos gestos e dos instrumentos, todos juntos entoando o clamor, revelam forças importantes na busca do reconhecimento da identidade do grupo dos Arturos. Promover manifestações e celebrações religiosas, apoiadas no espírito das tradições que remetem àquela cultura, é uma forma de resistência, encontrada por essa comunidade para demonstrar a força de um grupo, “atestando sua existência enquanto grupo conhecido e reconhecido, afirmando sua pretensão à institucionalização.” (BOURDIEU, 1998, p. 112).

Assim, cantando, dançando e batendo tambores, os Arturos se revelam e buscam, nesse jogo teatral, sua força como sujeitos que vivem entre as “fronteiras” de uma cultura contemporânea e as lembranças de uma ancestralidade. Os antagonismos de sua vivência são encobertos pela beleza das cores, pelo som dos tambores, pela voz que canta e pelos movimentos corporais, que carregam símbolos e reinventam uma tradição.

6 | CONCLUSÃO: FILHOS DE ARTHUR: EXISTEM, RESISTEM E SOBREVÊM

*“quem foi que disse
que a gente não
é gente?....”*

Esse fragmento, retirado do poema de Solano Trindade, assim como vários outros de sua coleção, expressa o drama da realidade dos negros. Solano teve como objetivo principal em seus trabalhos o restabelecimento da arte popular e a “luta em prol da independência cultural do negro no Brasil” (GELEDÉS, 2011). Relaciono os princípios desse escritor, que tanto lutou pelos valores afro-descendentes, tendo a arte como sua principal arma, aos valores implantados na comunidade dos Arturos.

Eita negro!.... Os filhos de Arthur Camilo são *gente* que luta para não ser mais um em meio aos sujeitos escravizados pela intolerância. Eles lutaram para legitimar sua identidade e, para tal, articularam socialmente suas diferenças, numa “negociação complexa”, mas que lhes conferiu autoridade ante os “hibridismos culturais” surgidos a partir de transformações históricas em suas vidas (BHABHA, 1998, p. 21).

Através da teatralidade, envolvida nas manifestações da Congada, a comunidade canta: canta a história, canta a tradição, canta as dores, canta as lutas, canta os preconceitos e os desejos. Possuem uma cultura secular, dotada de sabedoria popular e de crença religiosa, bem como de pessoas que, unidas pela fé em Nossa Senhora do Rosário, compartilham e vivenciam um espaço sagrado e de respeito, mútuo e amplo. Querem manter viva a memória e a história, negociando o seu modo de vida junto à sociedade da qual fazem parte. É aqui que a tradição conflita com a modernização ao desenhar acordos de sobrevivência e acolhimento nas intrincadas situações que o

mundo contemporâneo apresenta e do qual não há possibilidade de escape. Existe sim, a possibilidade da resistência, da continuidade e do afeto que introduz novos caminhos, novos lugares e novos recursos da alegoria, aqui antevistos como um ideal de vida e de expressão.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. K. Locais da Cultura. In **O Local da Cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana L.L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 19-42.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. A força da representação. In: **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1998. p. 107-116.

CANCLINI, Nèstor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: Ed. USP, 2008.

DOCUMENTO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL. **Comunidade dos Arturos**. Realização: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de MG (Iepha) e Governo de MG. Produção: Rede Minas, 2013. Apoio: Fundação Cultural de Contagem-FUNDAC e Prefeitura Municipal de Contagem. DVD, 78 minutos. Audio: Português.

FARIA, José Eustáquio de Sousa. **A Comunidade dos arturos: um estudo sobre suas relações de pertencimento ao lugar e de suas interações com a sociedade envolvente**. Instituto de Geociências. Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, (TCC) Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<http://www.igc.ufmg.br/images/igc/biblioteca/GEO2.pdf>> acesso 15 ago. 2017.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Global Editora, 2013.

GELEDÉS, Instituto da Mulher Negra, In: Solano Trindade, **O vento forte da África**. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/solano-trindade/>> acesso em 08 mar. 2018.

GLISSANT Édouard. Cultura e Identidade. In: **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GOMES, Núbia Pereira Martins & PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Negras raízes mineiras: Os Arturos**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS - IEPHA, **Cadernos do Patrimônio Imaterial**. V.2, 1ª Ed. Belo Horizonte: IEPHA, 2014.

LUCAS, Glauro. **Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá**/Glauro Lucas. 1999. 384 p. Dissertação (mestrado) – Departamento de Música da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. 2ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

_____. **Música e tempo nos rituais do congado mineiro dos arturos e do jatobá**. Programa de Pós-Graduação e Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Letras e Artes. Vol. I, Rio de Janeiro, 2005. Arquivo eletrônico recebido através de e-mail por <glauralucas@yahoo.com.br> em 20 mai. 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>> acesso em 11 jul. 2017.

PREFEITURA DE CONTAGEM. **Conheça Contagem**. Disponível em: <http://www.contagem.mg.gov.br/?es=patrimonio_historico&artigo=586594> Acesso em 15 ago. 2017.

PROGRAMA REVISTA BHNews – 12/02/14 – **Comunidade dos Arturos** – entrevista realizada com o coordenador e diretor social da Comunidade dos Arturos, Jorge Antônio dos Santos pelo canal 9 da NET com transmissão simultânea pela Internet. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vLZS9aE4MVk>> acesso em 09 ago. 2017.

SABARÁ, Romeu. O Drama de um Campesinato Negro no Brasil. A comunidade Negra dos Arturos. Belo Horizonte: Ophicina de arte & prosa, 2015.

Trindade Solano. Trecho do poema “**Conversa**”. Disponível em <<http://www.correiodadania.com.br/colunistas/consciencia-negra/1440-18-02-2008-solano-trindade-o-poeta-da-resistencia-negra> > acesso em ago. 2017

VIEGAS, Maria Ivanice de Andrade. **O enigma do rosário: os mistérios da (r)existência nas correntezas da urbanização**. Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/IGCC-9QJSHR/tese_maria_ivanice.pdf?sequence=1> acesso em 11 jul. 2017.

_____. **O enigma do rosário: os mistérios da (r)existência nas correntezas da urbanização**, Versão digital da tese, desenvolvida por Maria Ivanice de Andrade Viegas no Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.oenigmadorosario.com.br/>> acesso em 20 ago. 2017.

_____. Cartografia da (r)existência: Apropriações do espaço de Contagem pelos Arturos. In: **Por Dentro da História**, Revista de Educação Patrimonial. Contagem, Fundac, 2015. p. 25-30.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-203-6



9 788572 472036